SEC. VIII.

grande nação *Tapuya*; quando Tapuyas brancos chamavam os Indios aos Europeos que não eram seus alliados [1]. Este uso barbaro nos dará direito a tratal-os tambem de Barbaros, não tanto por espirito de represalia; mas por variar o estilo, e muitas vezes para maior clareza, e para evitar o abuso, antes adoptado entre nós, de lhes chamarmos Indios *bravos* ou bravios. E com mais razão nos julgamos autorizados a seguir esta pratica, quando della nos dá exemplo o grande Antonio Vieira [2], patrono dos mesmos Indios. Alêm de quê: ninguem nos negará que temos mais direito para lhes chamar Barbaros, do que elles tinham para mimosearem com esse titulo, aos primeiros christãos emboadas e aos seus descendentes.

Quanto á etymologia ou verdadeiro significado da palabra *Tupi*, tão pouco julgamos nós que ella se ligasse a paiz algum, e menos ainda, como se tem dito, que proviesse de um grande chefe desse nome, que regía a nação, quando ella ainda estava compacta. A indole destes Indios e a de sua lingua pedem antes que reputemos esse nome algum collectivo, que os adjectivos *mbá, iki, aém* e outros taes, não fizessem senão modificar; e julgamos mais natural, seguindo o systema que acima expozemos, antes de nos lançarmos em um fatigoso pélago de conjecturas, interrogar ao diccionario guarani o que queria dizer Tupi. Esta palavra significa tio; poder-se-hia talvez tambem usar por camarada ou companheiro [3]. Se nos lembramos que estes Barbaros só consideravam o parentesco do lado paterno, e que depois de pae o mais recommendavel era não o irmão (como entre nós que damos tanta importancia á fraternidade, e como irmãos nos consideramos ante a igreja); mas sim o de tio paterno, ou de *Tupy*, não nos deve admirar que este fosse o termo que adoptassem os dessa nação para reciprocamente se tratarem; quando sabemos que tal tratamento é ainda hoje usado em alguns paizes;—á imitação, segundo se crê, do que practicava a

[1] No Dic. braz. se encontra (p. 42) por significado do Francez (em geral, inimigos daquelles com quem viviam os nossos), «Tapuy tinga», isto é, barbaro branco.

[2] Vieira, III, 410.—Vej. adiante na Secç. IX p. 109.

[3] Segundo vemos em Hervas (I, 270) muitos dos nomes com que a si se designam várias nações americanas não significam outra cousa senão «gente.» Os Lules chamam-se «Peles»; os Peruanos, «Runas»; os Chiquitos, «Naquiñoneis», etc.

antiguidade. Assim se chamam, como é sabido, uns aos outros tios os homens do campo nos paizes que mais commercio tiveram n'outras eras com os Tyrios, como a Hespanha, Portugal e a provincia inglesa de Cornwall; tão célebre pelo seu estanho. SEC. VIII.

Outros Tupis se denominavam *Guaranis*, expressão esta que não quer dizer mais do que valentão ou guerreiro. Desta mesma geração eram os chamados *Caribes*, *Caraibes* ou *Calybes* [1] que habitavam a Guyana, muitos dos quaes haviam chegado, com suas invasões maritimas, até as Antilhas [2].

Não sabemos se ás Antilhas haviam elles passado vindos do sul ou do norte: sabe-se porêm que o sul da Florida era dominado por Caribes [3]: e que muitos delles haviam seculos antes transmigrado dali para o sul [4], ao passo que desde o Amazonas até S. Vicente todas as informações recolhidas em differentes pontos, os fazem transmigrando e invadindo de norte a sul. Os da Bahia asseveravam haverem ahi chegado vindos do sertão e d'alêm do Rio de S. Francisco [5]. Os de Cabo Frio pretendiam [6] proceder dos *Caraibes* da parte septentrional do Brazil. Os de S. Vicente tratavam por antepassados os do Rio de Janeiro e immediações; o que prova como d'ahi provinham.—Por quasi toda a costa do Brazil, em fim, se encontravam tradições de que os *Tupis* habitantes de qualquer districto se haviam deste apoderado vindo elles conquistadores das bandas do norte, depois de arrojar para o sul outros Tupis que o assenhoreavam. A transmigração invasora se effectuava como em ondas, vindo successivamente uma nova occupar o logar da impellida para diante, sem deixar apoz si mais vestigio do que deixam no ar as ondas sonóras.

E' mui possivel que o berço desta grande nação, que

[1] Calybes era na Asia o nome de uma nação visinha á Colónia de Trepisonda, no Ponto Euxino. V. Xenofonte, etc.

[2] D'Orbigny, «L'homme Américain» II, 268 e seg. Enciso em 1519 tratando das Antilhas diz que os Canibaes da terra firme iam por mar em canôas «facer la guerra á outras partes y unos á otros» Gumilla acrescenta no «Orinoco Illustrado» (cap. 6.) «La nacion sobresaliente y dominante en Oriente es la nacion Cariba, que se estiende por la costa oriental hasta la Cayana, y aun hoy vive mucha gente de ellos en la Trinidad de Barlovento y en las tres islas de Colorados que están junto á la Martinica, etc.» «Caruaybo» se dizem em guarani os que se sustentam miseravelmente (Montoya Tesoro f. 92 v.)

[3] Hervas, I, 389.

[4] Hervas, I, 390.

[5] G. Soares, P. II, cap. 147.

[6] Thevet, Cosmog. f. 915.

SEC. VIII.

chamaremos indistinctamente *Tupi* ou *Guarani*, á qual pertenciam os *Omaguas*, fosse nos densos matos das margens do Amazonas; e que nas aguas deste poderoso rio e dos seus braços até ás do Orinoco (que todas se communicam) depois de ser agricultora, se fizesse navegadora; e, começando por ousar nas suas canoas, vencer pouco a pouco as correntes e as ondas d'agua doce, passasse depois nas mesmas canoas a afrontar o mar, chegando ás ilhas mais afastadas, e aos ultimos confins do Brazil. A sua população em maior número que ainda os primeiros viajantes dão sobretudo ao territorio tão cortado de canaes junto do Amazonas, desde o Jarupá até o Rio Negro, onde Acuña faz até menção de uma grande taba ou povoação de uma legua [1] que forneceu á sua expedição mais de quinhentas fanegas de farinha de mandioca, deixa algumas aprehenções para crer-se que d'ahi exularam para quasi todo o continente meridional d'America os seus conquistadores, trazendo comsigo não só a dita navegação como a industria da mandioca, a da cultura do milho, e a das sementeiras de feijão e abobaras jurimús; isto é, uma primitiva agricultura.

Para serem navegadores tiveram em seu favor as mesmas cheias do grande rio, que lhes trazia boiando desde as cordilheiras do Perú [2], e lhes depunha nas praias que lhes serviam de estaleiros grandes cedros; de modo que nem tinham que cortal-os, nem que transportal-os. Assim são os *Tupis* os Jazões de nossa mythologia, são os Fenicios da nossa historia antiga, são os nossos invasores normandos em tempos barbaros. A conquista, que effectuaram de toda a costa do Brazil, a deveram seguramente, como levamos dito, á superioridade da sua marinha, ou canoas de guerra [3] de que não faziam uso talvez os barbaros que anteriormente aqui residiam;—embora haja quem sustente que a navegação precedeu ao trato por terra, que os rios foram as primeiras vias de communicação dos povos não civi-

[1] Acuña, n. 62.

[2] G. Soares, P. II, cap. 183. Acuña, n. 38.

[3] «Todos los que viven á las orillas de este gran rio (Amazonas) están poblados en grandes poblaciones y como venecianos y mejicanos: todo su trato es por agua», etc. Acuña, n. 38.—«Andan derramados (los guaranís) por esta tierra (la Plata), y por otras muchas, como cosarios, á causa de ser enemigos de todas estotras naciones» etc.—Ramirez,—Carta em 1528, XV, 27, da Rev. do Inst.

lisados, e que a canoa existiu antes da rede ou serpentina, e o navio antes do carro. A proposição pode ser verdadeira para povos ribeirinhos de aguas navegaveis, mas por ventura arriscar-se-hiam logo á navegação, ao ver aguas, os barbaros oriundos de páramos secos? Os Aimorés de que ao diante trataremos nos decidirão pela negativa. SEC. VIII.

Os invasores barbaros traziam comsigo bastantes germens de discordia, que vieram a dar mui sasonados fructos venenosos nas suas novas terras. Apenas uns venciam, vinham outros arrancar-lhes das mãos a palma da victória, e as hostilidades e vicios não tinham fim. Entre os ultimos era sobretudo lamentavel a paixão com que se davam ao peccaminoso attentado que o Senhor condemnou em Sodoma [1], vicio infame que alêm de ser degradante para o homem, tanto contribuia a que a população se diminuisse cada vez mais, em vez de augmentar-se.

Tambem não contribuiam menos a diminuir a população os crimes de envenenamentos frequentes, ás vezes de si proprios, pelo uso de comer terra e barro. Divididos em cabildas insignificantes que umas ás outras se evitavam, quando não se guerreavam, apenas podiam acudir aos interesses dictados pelo instincto da conservação vital; e, n'uma tão grande extensão de territorio, não apparecia um só chefe que estabelecesse um centro poderoso, como havia no Perú, cuja aristocracia, livre de cuidar só em resguardar-se das intemperies e em adquirir diariamente o necessario alimento, podesse pensar no bem dos seus semelhantes, apaziguando suas contendas, e civilisando-os com o exemplo. Assim taes rixas perpetuariam neste abençoado solo a anarchia selvagem, ou viriam a deixal-o sem população, se a Providencia Divina não tivesse accudido a dispor que o christianismo viesse ter mão a tão triste e degradante estado!

Para fazermos porêm melhor idéa da mudança occasionada no paiz pelo influxo do christianismo e da civilisação, procuraremos dar uma noticia mais especificada da situação em que foram encontradas as gentes que habitavam o Brazil; isto é, uma idéa de seu estado, não pode-

[1] G. Soares, P. 2, cap. 179. Ainda os Guaicurús tem alguns que se fingem em tudo do outro sexo com o nome de «cudinhos» Rev. do Inst, XIII, 358.

SEC. VIII.

mos dizer de civilisação, mas de barbarie e de atrazo. De taes povos na infancia não ha historia: ha só ethnographia. Nem a chronica de seu passado, se houvesse meio de nos ser transmittida, mereceria nossa attenção mais do que tratando-se da biographia de qualquer varão, ao depois afamado por seus feitos, os contos da meninice e primitiva ignorancia do ao depois heroe ou sabio. A infancia da humanidade na ordem moral, como a do individuo na ordem physica, é sempre acompanhada de pequenhez e de miserias.—E sirva esta prevenção para qualquer leitor estrangeiro que por si, ou pela infancia de sua nação, pense de ensoberbecer-se, ao ler as pouco lisongeiras paginas que vão seguir-se.

SECÇÃO IX.

DOS TUPIS OU GUARANÍS EM PARTICULAR.

O CARACTERISTICO em que hoje podemos melhor estudar a tal qual intelligencia dos povos selvagens é a sua lingua, quasi geralmente a mesma nos Indios que tem relação com esta Historia.

As nossas vogaes e consoantes não eram sufficientes para representar todas as articulações guaranís. «Por vezes me aconteceu, diz Vieira, estar com o ouvido applicado á bocca do Barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra, com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas; umas tão delgadas e sutís; outras tão duras e escabrosas; outras tam anteriorcs e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua [1]: outras tão curtas e subidas; outras tão estendidas e multiplicadas que não percebem os ouvidos mais que a confusão.»

A numeração não passava de cinco [2] segundo Lery, ou verdadeiramente só de quatro, segundo Hervas, que diz que nunca se viu Guarani poder levar a conta acima de trinta, contentando-se, para seus intentos, d'ahi por diante de designar as quantidades pelo collectivo *tuba* que significa

[1] Jam lingua sibilando, jam naribus rhonchissando, jam dentibus stridendo, jam guthure strepitando», etc. Dobrizhoffer, II, 163.

[2] Este symptoma da numeração «quinqual» é um dos que melhor separa a civilisação mexicana e peruana do resto dos Americanos. No Yucatan contavam de cinco em cinco (Herrera, IV, 10, 4). No Orinoco, segundo Gumilla (cap. 48), igualmente.

SEC. IX.

muito. Como em todas as linguas americanas, escaceavam na nossa brazilica as labiaes e eram desconhecidas as articulações *f*, *l*, e *r* forte. A linguagem accusava, como se devia esperar, o estado de atrazo intellectual. Assim *pitanga*, ou vermelho, significava não somente uma fructa dessa côr, como, afixo ás palavras peixe, madeira, passaro etc. servia a designar objectos em que a intelligencia do Barbaro como que não acertava com outra qualidade mais que a da côr. Nos proprios nomes dos rios se descobria sua curteza de idéas. Uns eram designados pela aparencia de suas aguas, donde vem termos tantos rios vermelhos, negros, pretos, claros ou brancos e verdes; outros por alguma ossada de homem ou de animal achada á sua margem, como Jacaré-canga.

Afóra a lingua, nenhum caracter essencial nem corporeo distinguia os Tupis, a não deixar dúvida, das raças limitrophes. Entretanto pode-se dizer que eram elles de estatura ordinaria, reforçados e bem feitos; de aspecto tristonho; olhos pequenos, com frequencia negros, encovados e erguidos, por via de regra, no angulo exterior, como na raça mongolica; sobrolhos estreitos e mui arqueados; cabello liso, seguro e sempre negro, bem como as barbas que arrancavam por costume, e todo os cabellos do corpo, pestanas e sobrancelhas; dentes alvos e persistentes, e pés pequenos. Havia entre elles, e sobretudo entre as mulheres, tipos de feições miudas, que os Europeos elogiavam como formosuras. Vimos como Pero Lopes, chegando á Bahia, achava as mulheres formosas, como as bellas da rua commerciante de Lisboa; e João Daniel [1] é da mesma opinião. Porêm todos esses attributos do corpo se achavam, em geral, desfigurados de intento horrivelmente entre os homens.

De côr eram mais ou menos baços, o que talvez procedia tambem do clima que habitavam. Un escriptor [2] do seculo XVI, bastante observador, adverte que na America os habitantes de terras quentes eram mais claros que os das temperadas e frias; bem que, entre aquelles, fossem mais escuros os das planicies e páramos que os das terras montuosas. Eram em geral fleugmaticos e de paciencia orien-

[1] Rev. do Inst., III, 331.

[2] Vargas Machuca, fol. 131.

tal para fazerem o que se propunham. Ensinados, deram bons muzicos, e sabedores aturados no estudo. SEC. IX.

Quasi todos pintavam o corpo em fórmas a capricho, com tinta negra tirada da sapucaia, e á logares como na face e nos pés com um fino vermelho que extrahiam do urucú. Alguns sarjavam o corpo com riscos abertos com o dente de cutia, instrumento que lhes servia de lanceta, quando sangravam. Nessas sarjaduras, em quanto frescas, mettiam alguma côr que as tornasse duraveis; e com ellas presavam-se de valentões, fazendo geralmente novos riscos, depois de algum grande feito, que por esse meio perpetuavam no corpo. Outros bandos furavam os beiços, principalmente o inferior, pondo no buraco um grande *botoque*, pelo que foram pelos Europeos chamados *Botocudos*. Quando não estava posto o botoque, tinham a facilidade de assobiar com ajuda do labio inferior furado, pelo qual conseguiam encanar o ar do sopro. Tambem furavam as ventas e as orelhas, o que era uso mui geral em toda a America; e nellas encaixavam semelhantes botoques, ou arrecadas de osso. Outros Indios costumavam esburacar as faces, mettendo nestas de dentro para fóra dentes de animaes. Não estando os botoques em seus logares, saía-lhes pelos buracos a saliva quando falavam; e, para se fazerem engraçados, deitavam alguma vez por ahi a lingua de fóra. Taes botoques eram não só de osso, como de pedra, ou de barro cosido, ou de ambar, ou tambem de resina de jatahí. O primeiro explorador de toda a costa do Brazil, Amerigo Vespucci, conta-nos que víra individuos com sete buracos na cara: seriam dois nas orelhas, dois nas faces, outros dois nas ventas ou labio superior, e um no labio inferior.

Uns deixavam crescer a guedelha; outros usavam de cercilho, pelo que, em Minas, lhes chamaram os nossos *Coroados*; mas o uso geral era tosquiar e aparar o cabello, mui regularmente, por uma linha que passava pelo cimo das orelhas. Conheciam o uso de lustral-o, untando-o com azeites.

Os principaes ornatos eram ramaes de contas brancas, feitas de busios ou de dentes dos inimigos, ou de animaes ferozes, mortos pelos que os traziam; de modo que eram como uma especie de condecoração, que ninguem se atreveria

SEC. IX.

a usar sem a ganhar[1]. Somente se exceptuavam as mulheres dos que as tinham, maxime se haviam acompanhado os maridos. A taes colares chamavam *aiucará*. Por cada victima juntavam ao colar um dente della, se o podiam obter. Os ornatos vistosos consistiam em pennas, principalmente amarellas, grudadas com almécega ou *icica*, das quaes tambem ás vezes usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas na cabeça eram postas para cima, tendo antes o cuidado de levantarem o cabello, dando-lhe na raiz com a mencionada almécega, para o conservarem assim arripiado. Como os antigos Europeos e Asiaticos untavam a pelle por aceio.

As mulheres tambem se pintavam e usavam de contas no pescoço e nos braços; e as donzellas apertavam as pernas, abaixo dos joelhos, com umas ligas vermelhas de algodão que chamavam *tapacurá*.

Pode-se dizer que andavam elles e ellas quasi nús. Alguns Indios, de climas mais frios, se cobriam porêm com pelles de animaes; e outros, para se fazerem temiveis, usavam, por carapuço e mascara, de focinhos de onças e outros animaes «com dentes e com tudo» como diz Pero Lopes, e como ainda vemos em tribus do alto Amazonas.

Em occasiões solemnes os chefes usavam de cocares[2] de pennas amarellas e vermelhas, que lhes cobriam o craneo até ás orelhas, e aos quaes chamavam *acanguápe* ou guarnição da cabeça; nos pés umas axorcas de certos fructos que junctos tiniam, como cascaveis: e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema ou *enduape*. Alguns se cobriam tambem de uma especie de mantos ou trofas de pennas, que denominavam *açoyaba*.

A tudo isto ha que ajuntar nos homens as armas, que estimavam sôbre todas as coisas, como instrumentos que saciavam os dois primeiros estimulos mais fortes para todo o Barbaro:—a fome e a vingança. Consistiam as armas; primeiro: na *tangapema*, *tangapé* ou *tacapé*[3], espada de páo que levavam dependurada ao pescoço sobre as costas. Algumas vezes usavam, maximè para a primeira investida de surpreza, em vez da tangapema ou tangapê, do macaná

1 João Daniel, na R. do Inst. III, 347.

2 Estes cocares alêm de ornato serviam de abrigál-os do sol, sobretudo quando remavam.

3 Tangapena disse Vieira; palavra que se lé nos diccionarios Fangapena; por algum engano de corte no T. «Cuidarús» do Amazonas. Staden diz Iwarapeme. Vasconcellos (II, n. 18), escreve Tangapema.

(tamaranas do grande Amazonas) que era uma especie de remo [1]. Seguia-se um grande arco, que chamavam *urapará*, tal que, assente no chão e firmado no pé esquerdo, ficasse o meio delle correspondente ao peito, com as competentes frechas (*huí*) grandes e pequenas, ao lado direito. Demais: na mão esquerda ia o *maracá* [2], que vinha a ser uma cabaça de cuia, cheia de pedrinhas, enfiada em um cabo de páo e coroada de pennas de guarás: quando a moviam ou chocalhavam fazia um ruido, como o da maraca das nossas igrejas, que até no nome se lhe parece. SEC. IX.

Os arcos eram feitos de uma especie de páo duro, elastico e forte, que ainda hoje em virtude de tal uso se chama *páo d' arco*. Os que serviam para a guerra eram maiores, bem como as frechas. Delles havia do tamanho de um homem, quasi direitos, arredondados e facetados do lado interior, por onde lhes punham um cordel tecido de tucum ou pita, e seguro nas pontas em uns chanfros. As frechas eram umas de *ubá*, cana brava ou especie de tabocas, e outras de *upí*, com pennas em cima, liadas com fio d'algodão. As pontas eram de ossos ou de dentes de tubarões ou de taquaras tostadas e aguçadas, e mui unidas ao corpo da frecha com fio de tucum almecegado.

Tambem usavam de azagaias e setas agudas. As primeiras se chamam ainda hoje no Amazonas *curalús*, e as segundas *murucús*. Eram muitas vezes hervadas com *bororé* e *uirari*, e outros venenos [3] fortissimos. A perfeição com que obtinham estes venenos, que de ordinario são sempre abortos ou vicios do excesso da civilisação refinada, fez Humboldt concluir que houvera um dia na America do sul essa grande civilisação, e que os nossos Indios della haviam recebido as receitas, alêm de alguns usos. As frechas grandes furavam uma taboa a duzentos e a trezentos passos. Algumas [4] cabildas se serviam de varapaos de duas pontas e de tres palmos de comprido que, arremeçavam Nota no fim.

[1] Soares, II, 168.

[2] Cabeza de Vaca achou o «maracá» na Florida, e o padre Andrés Perez de Ribas entre tribus do Mexico com o nome de «Ayacaztli».—Vej. Southey, I, nota 46.

[3] A'cerca destes veja a citada obra do Sr. Dr. Sigaud, p. 122.

[4] Segundo as informações de Soares os seus «Ubirajáras» alêm do Rio de S. Francisco (P. II, cap. 182) eram os proprios habitantes do Amazonas.